

EDUCAÇÃO HUMANIZADORA NA AULA DE LITERATURA: PERSPECTIVAS DE RECÉM-LICENCIADOS EM LETRAS

Aline de Mello Sanfelici*

Fábio Luiz da Silva**

Resumo: A emancipação pessoal do aluno não mais significa meramente desenvolver habilidades para conquistar mercados de trabalho e ter sucesso profissional. Embasada na perspectiva da educação humanizadora, a escola de hoje deve ter como meta preparar o sujeito para a plena ação cidadã, justa e afetiva perante o outro, capacitando o aluno a saber ser, fazer e agir no mundo contemporâneo. Isto posto, neste trabalho discutimos as perspectivas de um grupo de professoras recém-licenciadas em um curso de Letras, especificamente considerando suas visões a respeito da aula de literatura como lócus para promover a educação humanizadora. Através de um breve questionário, as jovens professoras refletiram sobre experiências, possibilidades e desafios em estimular debates humanizadores na aula de literatura. Os resultados da análise sinalizam conscientização das licenciadas acerca do potencial da disciplina em questão, ao mesmo tempo em que variáveis como falta de tempo e estímulo institucional dificultam a concretização da ação desejada.

Palavras-chave: Educação humanizadora. Aula de literatura. Desafios e dificuldades.

Introdução

Convém iniciar este estudo relembrando uma imagem conhecida sobre o ato de educar, estipulada por Rubem Alves, que diz o seguinte:

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem

* Doutora em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutoranda no Programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Bolsista PNPd da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: alinefelice@gmail.com

** Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Assis). Docente no Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias na Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e no Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: fls.londrina@yahoo.com.br

especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos (ALVES, 2007, p. 93).

Como professores, temos que a emancipação pessoal do nosso aluno é uma das principais metas do ato de ensinar, segundo Zilberman (2009), e nos dias de hoje isso não mais significa meramente desenvolver habilidades para conquistar mercados de trabalho e ter sucesso profissional. Embasada na perspectiva da educação humanizadora, atenta às emoções, subjetividades e formação do sujeito humano como um todo, a escola de hoje deve ter como meta preparar o sujeito para a plena ação cidadã, justa e afetiva perante o outro, capacitando o aluno a saber ser, fazer e agir no mundo contemporâneo. Para Maturana (1998), a educação deve atentar para a valorização das emoções, culturalmente desvalorizadas em uma sociedade dita “racional”. De acordo com o autor, “o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional”, sendo que “o fundamento emocional do racional (...) é sua condição de possibilidade” (MATURANA, 1998, p. 18). Em outras palavras, é imprescindível desenvolver em nossas escolas o trabalho com a emoção, juntamente com a razão, para o pleno desenvolvimento *humano* de nossos aprendizes.

Legado e referência básica na perspectiva por uma educação libertadora, problematizadora e humanizadora, Paulo Freire postula precisamente que não se pode pensar em educação sem se pensar no ser humano, uma vez que a educação se constitui em si mesma em uma prática antropológica. Assim sendo, para Freire, educar é humanizar, e isso necessariamente ocorre através da dialogicidade na qual educador e educando se educam e crescem juntos em um processo de “comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39). Nesse caminho, é fundamental repensar não apenas os papéis e relações dos agentes envolvidos no ato educativo, como também os propósitos e resultados de tal ato, deixando de lado uma perspectiva voltada ao capitalismo (econômico, político, social, cultural), e almejando uma formação humanizadora, atenta ao oprimido, ao invisível, ao popular, e ao ser humano como um todo.

Endossando essas perspectivas, Alarcão (2001) destaca que a escola não deve “meramente” preparar para a cidadania, fazendo-o de modo distanciado, doutrinário e especulativo. Na verdade, para a autora, na escola deve-se “viver a cidadania, na compreensão da realidade, no exercício da liberdade e da responsabilidade, na atenção e no interesse pelo outro, no respeito pela diversidade, na correta tomada de decisões, no comprometimento com as condições de desenvolvimento humano, social e ambiental” (ALARCÃO, 2001, p. 22, grifos nossos). Assim, a escola reflexiva se aproximaria de uma educação humanizadora,

desenvolvendo nos aprendizes a tomada de posição crítica e informada, cidadã e humana perante o mundo que aos alunos se apresenta.

Acrescentando à esses dizeres preliminares, temos que a literatura, assim como a aula de literatura, pode ser entendida como locus para promover tal educação humanizadora. Em linhas breves, isso se daria porque a literatura tem, necessariamente, um papel sociocultural e humanizador, conforme Candido (2011), que se concretiza no fato de trazer à tona leituras, interpretações, reflexões e discussões sobre temáticas que envolvem o ser humano em seus mais íntimos conflitos, seus desejos, relações, motivações e dificuldades. Assim, a literatura é vital para desenvolver no aprendiz uma melhor compreensão dos outros e de si mesmo, fazendo o leitor (e aluno) refletir sobre realidades, culturas e posicionamentos diversos, humanizando-o para questões das mais diversas ordens.

Neste trabalho discutimos as perspectivas de um grupo de jovens professoras recém-licenciadas em um curso de Letras, especificamente considerando suas visões a respeito da aula de literatura como locus para promover a educação humanizadora. Através de um breve questionário, as professoras refletiram sobre experiências, possibilidades e desafios em estimular debates humanizadores na aula de literatura. Propomos então em nossa análise e discussão dos dados coletados buscar nosso objetivo de argumentar em prol da maior aproximação da aula de literatura com a educação humanizadora, embasando nosso argumento precisamente a partir de exemplos e experiências concretas relatados pelos sujeitos participantes da pesquisa.

Na próxima seção, comentaremos sobre a literatura e seu potencial humanizador na educação, e descreveremos a metodologia e o grupo de sujeitos participantes da pesquisa. Após isso, apresentaremos os dados e discutiremos os resultados, analisando nossa temática em mais detalhe, para finalmente procedermos com nossas considerações finais.

1 O potencial da literatura para a educação humanizadora

O trabalho com o texto literário na educação de nossos alunos agrega uma gama ampla de fatores e vantagens. Podemos destacar, por exemplo, a relevante questão do envolvimento pessoal do aluno, aliado à importância dos temas tratados nas obras literárias, que fazem com que o aprendiz possa se identificar e encontrar “relevância pessoal” na leitura feita (HISMANOGLU, 2005, p. 54). A partir desta relevância pessoal, o aluno acaba envolvendo-se não só com o texto como também com a aula e seu contexto de ensino mais amplo. Além

disso, essa identificação e relevância pessoal, aliados à não-trivialidade da literatura, são, de acordo com Maley & Duff (1989), chaves para garantir a motivação do estudante, algo fundamental não apenas para melhor aproveitamento das aulas como para performances mais satisfatórias e maior sucesso de aprendizagem.

Tendo como base as temáticas trazidas à tona por dada obra literária em questão, os estudantes também encontrariam insumo para discutir diferentes interpretações do texto literário em atividades de interações em grupos, pensando-se nos alunos como sujeitos críticos de si mesmos e do mundo. Os textos literários oportunizam provocar e desenvolver opinião sobre diversas questões trazidas nas temáticas das obras – desde privilégios de gênero, estereótipos e preconceitos, questões de raça e classe social, questões de hegemonia e marginalização, entre muitas outras que, frequentemente, não pertencem ao universo imediato de interesses dos alunos. Muito além de exercício de interpretação de significados, a literatura possibilita, portanto, essa reflexão e debate sobre situações que fazem do aluno um sujeito mais informado, crítico e humanizado.

A respeito destas situações problemáticas que a literatura faz refletir, é fundamental estabelecer uma ressalva sobre o papel do professor neste momento delicado. Cabe ao docente a responsabilidade de garantir que o ambiente de aprendizagem seja apropriado e respeitoso, especificamente no que tange o compartilhamento de opiniões que, inevitavelmente, possam ser distintas e até mesmo opostas entre si, especialmente em se lidando com as temáticas e assuntos delicados que a literatura pode suscitar. Como em qualquer contexto de ensino, é crucial que todos os sujeitos envolvidos se sintam convidados a participar sem medo de desrespeito ou represálias, ou sem qualquer tipo de opressão da liberdade de opinião individual, especialmente se estamos falando de uma educação humanizadora, preocupada em desenvolver a afetividade, tolerância e entendimento entre diferentes emoções.

Ainda nesta perspectiva da contribuição pessoal para o aluno, a literatura fornece uma excelente chance de tornar os estudantes mais atentos ao que acontece ao seu redor, ao desenvolver neles uma maior sensibilidade cultural, obtida precisamente através do conhecimento de mundo e de outras culturas (TOMLINSON & MASUHARA, 2004, p. 3). A literatura faz o leitor ver além de seu próprio contexto, e conhecer ou entrar em contato, de certo modo, com outras realidades, semelhantes ou mesmo extremamente distantes de seu dia a dia. Assim, facilita-se o desenvolvimento da importante competência comunicativa (inter)cultural do estudante (HISMANOGLU, 2005, p. 64), pois, independentemente da idade do aluno, quando o mesmo é bem supervisionado e orientado por seu professor, ele é capaz de

perceber, através da literatura (e de outras manifestações artístico-culturais) a cultura do outro, bem como suas semelhanças e diferenças em relação à sua própria cultura (SHOWALTER, 2003, p. 26). Em última análise, portanto, o uso da literatura na sala de aula pode contribuir significativamente para a educação do sujeito como pessoa cidadã, formando alunos conscientes e tolerantes às diferenças, e aptos a lidar respeitosamente com as mesmas. Significativamente, os aprendizes serão detentores de uma maior consciência cultural, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado.

2 Metodologia

Para conduzir esta pesquisa, convidamos dez alunas recém-licenciadas em um curso de graduação em Letras a responder um breve questionário que relaciona educação humanizadora (um tópico ao qual as participantes da pesquisa foram apresentadas em sua graduação) com a aula de literatura. O questionário explicitamente solicitava reflexões sobre experiências anteriores (fossem elas em estágio de docência ou já na atuação profissional recente) de aulas com texto literário e práticas voltadas para a educação humanizadora; além de perspectivas sobre os potenciais do encontro entre aula de literatura e humanização, bem como os desafios de concretizar esse encontro, na realidade contextual da atuação docente nos dias de hoje.

Cumpramos destacar que as alunas entrevistadas foram selecionadas justamente por comporem o grupo de primeiras licenciadas em um curso de Letras em dada universidade no norte do país, e que haviam trabalhado com a área de literatura em seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Assim, essas recém-formadas, todas na faixa etária de 22 a 26 anos, possuíam um perfil similar no sentido de terem interesse no campo literário e em pesquisas nesta área, além de prontidão para realizar atividades aproximando suas realidades de docentes em formação com seus interesses e preferências pessoais pela literatura.

Apresentaremos, a seguir, os resultados dos dados coletados via questionários, e a respectiva discussão destes dados, de modo a explorar nosso objetivo de entender e refletir sobre as perspectivas de recém-licenciados sobre a educação humanizadora, expandindo essa reflexão para uma reiteração dos benefícios e urgência de tal tipo de educação, e argumentando em prol do vínculo entre literatura e educação humanizadora.

3 Resultados

Primeiramente, a respeito das experiências já conduzidas aliando o trabalho com o texto literário com a perspectiva humanizadora, observamos que as recém-licenciadas envolvidas na pesquisa, por mais breves que tenham sido suas experiências, puderam desenvolver na prática docente uma perspectiva receptiva ao potencial da aula de literatura para a promoção da educação humanizadora. De acordo com uma das entrevistadas, por exemplo, “a utilização do material literário pode colaborar na construção da personalidade dos alunos participantes desse processo”, desenvolvendo “um indivíduo melhor” (Professora 1). A jovem professora relata que seus alunos não apenas podem “crescer pessoalmente” como também se formam leitores a partir do trabalho humanizador pelo viés literário, que os engaja e atrai, trazendo debates pertinentes ao seu universo de interesses. Compactuamos com a perspectiva de que a obra literária, em podendo construir personalidades, edificar visões de mundo e engendrar cidadania e humanização, é de enorme valia para o docente em sua prática humanizadora, e mesmo a curta experiência das recém-licenciadas participantes desta pesquisa já é capaz de comprovar esse caráter.

Ainda considerando a resposta singular da professora entrevistada, descrita acima, bem como as demais respostas coletadas na pesquisa, podemos perceber a capacidade mais ampla (e, esperamos, plural) que qualquer professor de literatura possa vir a desenvolver para fazer a mesma história relatada pela recém-licenciada ser algo real também em outros contextos e realidades. Em outras palavras, acreditamos que o professor possa vir a criar experiências em sala de aula com o texto literário que impulsionem e fomentem o desenvolvimento e crescimento pessoal dos seus estudantes, não apenas enquanto leitores e aprendizes, mas principalmente como cidadãos em formação para o encontro com o mundo, com o outro e com as diferenças, sujeitos amadurecidos emocional e subjetivamente, aptos a “saberem ser” em seus campos de vivência e atuação social, humana, política, histórica, etc.

A seguir, observando o questionário respondido no que tange o próprio entendimento pessoal das licenciadas sobre a competência da literatura (e da aula de literatura, por conseguinte) para promover o engajamento com a educação humanizadora, percebe-se que as participantes do estudo novamente demonstram visões similares e positivas. Na realidade, ainda mais do que na questão anterior, sobre experiências, é nessa questão sobre o entendimento pessoal do assunto em debate que podemos notar de modo mais cristalino e categórico o quanto as jovens professoras acreditam verdadeiramente nas relações entre

literatura e educação humanizadora. A título de exemplo, uma das entrevistadas expõe a seguinte perspectiva, que merece ser transcrita na íntegra:

Na verdade, acredito que uma das principais funções da literatura é *humanizar* as pessoas, bem como educá-las. A maioria dos assuntos tratados em trabalhos literários é envolto nas relações sociais, sentimentais, personalidade e a mente humana, essas características sempre nos chamam a atenção, pois tem a ver com quem somos, há uma autoidentificação. Essas características humanas que são colocadas nos personagens e suas relações conflituosas dentro da trama mexem diretamente com nossos sentimentos, tanto que somos capazes de chorar, rir ou ficar irados durante uma leitura. *Então por que não usar a literatura como meio de reflexão sobre nossas ações, modo de pensar e ver o mundo?* Deveras a literatura deve ser aplicada ao contexto escolar, não apenas para interpretação e análise gramatical, mas essencialmente como um *veículo transformador e reflexivo*. (Professora 2, **grifos nossos**).

É notória a posição desta professora que, mesmo jovem e com pouca experiência docente, já consegue estabelecer solidamente várias relações entre o texto literário e seu caráter educador, a partir de temáticas universais e relevantes para a formação do sujeito, bem como do retrato humano de personagens que possam incitar a identificação e reflexão sobre assuntos variados. Levando-se em conta o entendimento relatado acima, cremos que qualquer professor de literatura – em uma tentativa nossa de expandir aqui a visão particular desta entrevistada para um escopo mais amplo – é capaz de usufruir em sua realidade própria as possibilidades que a literatura oferece como “veículo transformador e reflexivo” (para usar os termos da entrevistada). Se o texto literário, como discutimos anteriormente, pode humanizar, promover a tolerância, educar para as emoções, preparar para a afetividade nos encontros e perante as diferenças, e nutrir a cidadania e benevolência para com o outro, então, justamente como destacou a segunda professora, por que não usar a literatura para atingir esses desenvolvimentos?

Por fim, falaremos das respostas ao questionamento sobre os desafios em estimular debates humanizadores e uma educação mais cidadã e justa, de modo geral, especificamente através da aula de literatura. Neste quesito, pode-se dizer que as entrevistadas já têm familiaridade com algumas das inúmeras variáveis que afetam a aula no nível de ensino médio, e de literatura, em particular. Dentre os desafios comentados pelas jovens licenciadas, destacamos: desatenção e por vezes timidez dos alunos (ou de parte da turma) para expressar-se de modo subjetivo sobre o texto literário; falta de motivação; falta de boa formação e/ou de perfil adequado como leitor literário; dificuldade em identificar um interesse coletivo para a turma (para selecionar obras e temáticas para debate); dificuldade em fazer os adolescentes lerem as obras literárias (especialmente as mais longas); e dificuldade em criar espaços para

esses debates humanizadores a partir da literatura, tendo em vista as restrições de tempo para a aula, conjuntamente com as diretrizes e imposições curriculares ditadas aos docentes pela instituição escolar.

De modo geral, portanto, muitas são as adversidades que se colocam como obstáculos no caminho dos professores que querem usar a literatura para promover a educação cidadã e humanizadora. Mesmo docentes recém-licenciadas e com pouco tempo de atuação na profissão já possuem consciência bem desenvolvida de que os ideais de educação humanizadora mediante uso da literatura (ou outras formas) são ideais tão virtuosos quanto difíceis de serem realizados na prática cotidiana. Falaremos um pouco mais sobre esse ponto a seguir, estabelecendo nossas considerações finais para este estudo.

Conclusão

Levando em conta o exposto ao longo desta pesquisa, concluímos que há um eminente desejo, por parte das professoras recém-licenciadas em Letras que entrevistamos, de desenvolver formas de ensino humanizadoras e inclusivas, que promovam a educação das emoções, a formação do ser humano emocional e racional, o senso de justiça, a cidadania, a tolerância e a solidariedade. Provavelmente tal desejo seja oriundo da própria formação recente e atualizada destas licenciadas, em um curso de graduação em Letras especificamente atento aos diversos potenciais da educação no que tange o viés social, civil e filantropo da mesma. Porém, ao mesmo tempo, observamos que o desejo reportado pelas professoras esbarra em uma série de variáveis, que se traduzem em dificuldades de concretizar melhor os elos entre educação humanizadora e a aula de literatura.

Uma possível explicação para a existência desses obstáculos pode estar na maneira como esses alunos foram expostos às obras literárias no passado. Estudos como de Ramos, Panozzo e Zanolla (2008) e Souza (2009), por exemplo, apontam para o fato de que práticas do ensino de literatura não instrumentalizam os alunos para uma interação significativa com a obra literária. Muitas vezes, segundo esses autores, o texto literário é percebido apenas como meio para a transmissão de outros conteúdos. Souza (2009) chegou a verificar em sua pesquisa que os alunos não sabiam diferenciar livros de literatura e livros didáticos.

Ainda assim, queremos acreditar que essas dificuldades possam ser superadas, eventualmente, especialmente à medida que essas jovens professoras desenvolvam mais experiências de ensino e possam assim visualizar de modo cada vez mais consistente a grande

riqueza que a aula literária pode agregar às práticas humanizadoras, bem como modos de explorar essa riqueza – e que a partir disso elas persistam em desenvolver mais e mais essas práticas em sua atuação docente.

Por fim, expandindo o debate a partir da perspectiva das entrevistadas para a área de educação humanizadora como um todo, finalizamos esse estudo reiterando a importância e inadiável necessidade de desenvolver-se cada vez mais a escola voltada para a educação humanizadora. Deste modo iremos preparar os alunos de hoje para entrelaçar razão e emoção visando a cidadania e o bom convívio na sociedade, a ética, a sensibilidade, o encontro feliz e pacífico com o outro e com as diferenças, além das qualidades humanas de tolerância, respeito, altruísmo e benevolência.

Referências

- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- ALARCÃO, I. A escola reflexiva. In: ALARCÃO, I. (org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 15-30.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HISMANOGLU, M. Teaching English through literature. **Journal of Language and Linguistic Studies**, vol. 1, nº 1, p. 53-66. 2005.
- MALEY, A; DUFF, A. **The inward ear: poetry in the language classroom**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. J. F. C. Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- RAMOS, F. B.; PANOZZO, N. S. P.; ZANOLLA, T. Práticas de leitura literária em sala de aula. **Revista Iberoamericana de Educación**, vol. 46, n. 2, p. 1-12, 2008. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2439Zanolla.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.
- SHOWALTER, E. **Teaching literature**. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003.
- SOUZA, M. A. R. **A Literatura na escola: prazer na formação do gosto experiência em literature com alunos do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Literatura). 94f. 2009. Programa de Pós-graduação em Literatura – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- TOMLINSON, B.; MASUHARA, H. Developing cultural awareness. **Modern English Teacher**, vol. 13, nº. 1, p. 1-7. 2004.

ZILBERMAN, R. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R. & RÖSING, T. M. K. (orgs.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 17-39.